

REVISTA HISTORAR

Antônia Natália de Lima

Mestranda em História e culturas pelo Mestrado Acadêmico em História – MAHIS/UECE.

Telma Bessa Sales

Professora Doutora da Universidade Vale do Acaraú e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Ceará, MAHIS/UECE.

ENTRE LEMBRANÇAS E SENTIMENTOS: UMA LEITURA DAS MEMÓRIAS DO CENTRO SOCIAL DE MONTE GRAVE--MILHÃ/CE (1973 A 2000)

Resumo

Este trabalho é uma leitura das memórias dos sócios do Centro Social de Monte Grave (CSMG) que surgiu enquanto Associação no início da década de 1970 e se fez notificar por atividades desenvolvidas no âmbito da saúde, educação e outros serviços sociais. Buscamos assim, compreender como se deu a atuação, organização e declínio dos projetos desenvolvidos pelo Centro Social de Monte Grave, a partir da narrativa dos sujeitos que vivenciaram e dinamizaram a vida social da Associação.

Palavras-Chave: Experiências - História oral - Associação.

Abstract

This study is a reading of the memories of members of the Social Center of Monte Grave (CSMG) that emerged as Association in the early 1970s and became notice in activities in health, education and other social services. We seek thus to understand how was the performance, organization and decline of the projects developed by the Social Center of Monte Grave, from the narrative of the subjects who experienced and streamlined the social life of the Association.

Keywords: Experiences - Oral history - Association.

Introdução

Todo movimento social tem em seus liames a história de vida de muitos indivíduos que buscam na convivência social uma solução capaz de modificar as condições de sobrevivência de um dado meio. Sendo assim, o Centro Social de Monte Grave¹ tem subjacente a sua trajetória, a história de muitos sujeitos que deram sentido à luta e a fizeram acontecer.

Partindo disso, buscamos perceber todas as dimensões que atravessam o cotidiano desses sujeitos, isto é, as relações sociais vividas por eles, e a ligação, de cada um, com as lutas travadas pelo Centro Social de Monte Grave, bem como com a comunidade e com todos os setores que compõem a dinâmica social. Percebendo que essa sociabilidade é fluída e conflituosa voltamos o nosso olhar para a diversidade dos modos de ser, de pensar e de agir de cada um dos entrevistados. A percepção da maneira como se envolveram nos projetos, as motivações de adesão e o engajamento social e/ou político, se constituem como peça fundamental para o nosso trabalho. Reportamo-nos às falas dos interlocutores da pesquisa de mestrado, intitulada *As vozes que contam: a trajetória do Centro Social de Monte Grave - Milhã/CE (1971 a 2000)*, dialogando com suas experiências, subjetividades e visões de mundo, tentando entender os processos constituídos por estes e não somente a história da instituição que eles ocupam.

Este estudo é realizado tendo como fonte, principal, entrevistas concedidas pelos sócios e/ou familiares, que falam sobre suas trajetórias tendo como pano de fundo a vida em comunidade vinculada as experiências em torno das atividades dirigidas pelo CSMG.

Assim, optamos por utilizar nesse estudo a metodologia da história oral, partimos do pressuposto de que os relatos nos permitem a compreensão e análise de relações sociais, de processos culturais e das experiências individuais que estão sempre em simbiose com as relações comunitárias (KOFES, 1992). Assentimos com Verena Alberti (2004) quando ela salienta que “quanto um entrevistado nos deixa entrever determinadas representações características de sua geração, de sua formação, de sua comunidade etc., elas devem ser tomadas como fatos, e não como “construções” desprovidas de relação com a realidade” (p.09). Dessa forma, mais do que a busca pela verdade, o que nos interessa é o entendimento, é a apreensão de sentido que esses sujeitos atribuem ao CSMG (PORTELLI, 2010). É necessário o entendimento do papel da memória no processo de lembrar, visto que ela pode ser compreendida como o resultado das interações sociais cotidianas, partilhadas por indivíduos de uma mesma comunidade. Dentro dessa perspectiva comungamos com a ideia de Michel Pollack (1992), ao salientar que a memória é construída socialmente. Ela é modelada pela família e pelos grupos sociais. Isso significa que, o individual se

¹ A Associação, cujo nome é CSMG, foi fundada no início da década de 1970 e se fez notificar por atividades desenvolvidas no âmbito da saúde, educação e outros serviços sociais.

forja no social e vice-versa, não se separa a memória em dois campos distintos, mas, estes se encontram em simbiose. “As lembranças que guardamos são partilhadas com outras pessoas, revelando aspectos intrínsecos dos grupos sociais nos quais nos envolvemos” (JUCÁ, 2003, pág. 85).

1. O panorama de fundação do Centro Social de Monte Grave.

A comunidade de Monte Grave, localizada na região Central do Estado era no início da década de 1970 um pequeno povoado com poucas casas, e com uma situação econômica difícil, com poucos recursos. A presença de posto de saúde era inexistente, o acesso à educação era distante, pois só havia escolas na cidade ou no Distrito mais próximo. Essas e outras demandas sociais se constituíram nas razões pelas quais foi fundada a Associação Centro Social de Monte Grave.

A tomada de consciência sobre essas péssimas condições de vida nasceu na convivência entre os indivíduos da localidade com os pressupostos defendidos pelo Clero local. Ainda na década de 1960, na recém-fundada Paróquia Nossa Senhora da Conceição², o Padre Elmas Moreira de Carvalho iniciou um trabalho no Distrito de Milhã/CE voltado para a discussão dos problemas sociais a partir da reflexão do Evangelho de Cristo. Comumente essa reunião de pessoas é denominada de “Dia do Senhor”³. Essa ideia de igreja com um viés social era fundamentada pelas proposições da Igreja Católica designadas após o Vaticano II e a Conferência de Medellín⁴. A criação das Comunidades Eclesiais de Base (CEB’s)⁵ nasceu da percepção de que a Igreja devia dá visibilidade aos problemas sociais que assolava não só as cidades, mas também as zonas rurais. Foi então influenciado por esses ideais que o referido Padre fundou em diversas localidades da Paróquia as CEB’s, inclusive em Monte Grave, comunidade afastada 15 km de Milhã.

Portanto, com a chegada de Padre Elmas Moreira começou em Milhã um novo ciclo religioso onde ele junto com os Padres, Francisco Alves Teixeira da Paróquia de Piquet Carneiro/CE, João Salmito Neto da Paróquia de Senador Pompeu/CE e outros vigários da região Central do Estado se reuniam em torno de uma perspectiva voltada para a dimensão social da

² A Paróquia Nossa Senhora da Conceição foi fundada em 1957.

³ Segundo BEZERRA (2008, p. 49), “[...] a denominação Dia do Senhor tem referência no (sic) domingo, na tradição católica, o dia do descanso. Em vez de missas, eram realizados cultos dominicais como celebração da palavra de Deus”.

⁴ Cf. Mainwaring (2004).

⁵ (...) CEB’s são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana), ou capela (rural), que por iniciativa de leigos, padres ou bispos, reúnem pessoas pertencentes geralmente às classes populares, que tem a mesma fé, pertencem a mesma Igreja, moram na mesma região (periferia, áreas invadidas, favelas, pequenos sítios, ou à margem das grandes cidades). Vivem os mesmos problemas de sobrevivência, moradia, lutas por melhores condições de vida, e anseios e esperanças libertadoras. Cf.: BETTO, Frei. O que é Comunidade Eclesial de Base. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 07.

Igreja. Em depoimento ao historiador Gisafran N. Mota Jucá, o ex-vigário Elmas Moreira relata que, “todas as semanas nós passávamos segunda, terça, quarta até o meio dia em Senador Pompeu [...] a gente discutiu Pastoral, discutia muita coisa, as nossas Paróquias a gente quebrou os limites né, era uma grande área de Pastoral. A gente se ajudava uns aos outros”⁶. É importante destacar que essas atividades se estenderam por toda a Diocese de Iguatu, e estava em profundo diálogo com as experiências desenvolvidas por diversas Paróquias do Estado cearense e também do Nordeste. Viviane Bezerra (2008) destaca dentre esses trabalhos a atuação do Padre Antônio Fragoso desenvolvido na cidade de Crateús.

Um exemplo significativo de organização orientada pela Igreja libertadora se observa em Crateús, com a atuação do Bispo Dom Antônio Fragoso. O trabalho de pastoral popular de sua equipe se tornou referência à luta camponesa, tornando-se alvo da repressão militar. Dom Fragoso se destacou por defender um projeto de sociedade justo e igualitário, com os camponeses sujeitos da história e conscientes dos direitos (p.90).

Foi nos setores populares que as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)⁷ foram criadas, principalmente na região Nordeste.

Dentre os Estados do Nordeste, de acordo com Azzi, “foi no Rio Grande do Norte onde se registrou uma atuação mais expressiva da Igreja na área rural, através da ação pastoral do bispo de Natal”. Com o método “ver, julgar e agir” o Movimento de Natal “extrapolou os limites dos grupos de Ação Católica e se constituiu na estrutura básica de pensamento e de ação do corpo eclesial”. (SILVA; AGUIAR, 2014, p. 29-30).

A discussão das adversidades nas reuniões, em particular, da Comunidade Eclesial de Base de Monte Grave propiciou o entendimento de que era possível lutar por melhorias. Contudo, essa maturação não surgiu apenas do debate corriqueiro sobre os problemas, ela também foi influenciada pela trajetória de membros da comunidade. Para ficarmos em apenas um exemplo, destacamos a trajetória de Francisco Faustino Pinheiro, que na década de 1960, a convite do então Pároco de Milhã Elmas de Carvalho, se juntou a outros jovens da cidade e começou o movimento chamado Juventude Agrária Católica (JAC). “Aí foi o começo de onde a gente começou a trabalhar na comunidade e nas comunidades vizinhas também, no sentido de iniciar um trabalho coletivo a

⁶ A entrevista foi realizada pelo Professor Doutor Gisafran Nazareno Mota Jucá, para a pesquisa sobre o seminário da Prainha em Fortaleza. Alguns trabalhos da temática já foram publicados. Cf.: JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Seminário da Prainha: limites e possibilidades da “Ego-História”, como opção metodológica. In *CLIO. Revista de Pesquisa Histórica*, n.25-2, 2007/Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008, p.293-321.

⁷ “As comunidades eclesiais de Base (CEBs) são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos”. Cf. BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo: Abril, 1985. p. 07.

serviço do povo. Tudo começou nesse momento”⁸. Faustino Pinheiro se destacou no trabalho comunitário desenvolvido em sua localidade, assim como Pe. Elmas, que logo foi transferido para Iguatu a fim de desenvolver um trabalho similar ao que vinha desenvolvendo em Milhã. Ao mudar-se para Iguatu o Pe. Elmas de Carvalho levou junto Faustino Pinheiro, que assumiu em 1965 a coordenação da JAC na Diocese de Iguatu até 1967⁹. A JAC ganhou expressões significativas no Ceará, devido ao trabalho conjunto das igrejas de Fortaleza, Crateús, Sobral e de Iguatu. Daí fundou-se uma diretoria em nível de Estado para coordenar a entidade, da qual Faustino Pinheiro fizera parte, indo residir em Pacatuba/CE, Crateús/CE e depois em Fortaleza. A JAC foi desarticulada em 1969 pelas forças repressivas da Ditadura.

Nesse momento Faustino Pinheiro retorna à Iguatu/CE, no final de 1969 ele assumiu a convite do então Bispo da Diocese, Dom José Mauro¹⁰, o cargo de Coordenador da Cárita Diocesana e foi aí que começou a sua militância para o trabalho que, junto com a comunidade, desenvolveria na futura Associação, pois passou a ter contato e diálogo com as instituições estrangeiras que financiavam projetos sociais no Brasil. Em 1971, Faustino Pinheiro retorna ao Monte Grave com a ideia de fortalecer, junto com os colegas do grupo de jovens, Ari do Nascimento, Rocicleide Pinheiro e outros, o “Dia do Senhor” e a Comunidade Eclesial de Base, e depois consolidar o trabalho com a fundação da Associação que levou o nome de Centro Social de Monte Grave. Sobre esse momento Rocicleide Pinheiro salienta,

Começou a gente participando da Igreja, inclusive na época o Padre... Quando Faustino saiu aqui de Milhã, foi quando ele se envolveu em movimentos de JAC. O Elmas era o vigário, e foi o Elmas que incentivou a criação da comunidade de base, eclesial de base. E a partir daí começamos a nos reunir na celebração do Dia do Senhor. Aos domingos tinha a celebração e foi exatamente nessas celebrações, nesses encontros das famílias que a gente descobriu que seria um ponto de partida pra tentar melhorar as condições de vida das pessoas.¹¹

Apesar da trajetória de Faustino Pinheiro ser bastante singular, tendo em vista a vida de

⁸ Entrevista com Francisco Faustino Pinheiro, realizada em Milhã/CE em 23 de setembro de 2013, Presidente do CSMG de 1973 a 2013. Arquivo de Antônia Natália de Lima.

⁹ Informações contidas no Livro: Centro Social de Monte Grave 26 Anos e uma história para contar (junho de 1997).

¹⁰ Dom José Mauro Ramalho de Alarcon e Santiago é bispo emérito da diocese de Iguatu, é natural do município de Russas-CE. Dom Mauro foi ordenado padre em 5 de fevereiro de 1948. No dia 13 de outubro de 1961 foi nomeado pelo papa João XXIII, bispo da recém-criada Diocese de Crato e também da Arquidiocese de Fortaleza. No dia 28 de janeiro de 1961, o Papa João XXIII editou a bula *"In apostolicis muneris"* criando a [Diocese de Iguatu](#). Sendo seu primeiro Bispo D. José Mauro Ramalho de Alarcon e Santiago, empossado em 4 de fevereiro de 1962. Dom José Mauro governou a Diocese de Iguatu de 4 de fevereiro de 1962 até 26 de julho de 2000, passando o "cajado" para Dom José Doth de Oliveira, o qual, desde fevereiro de 1992, era seu bispo coadjutor. Cf.: http://osmarlucenafilho.blogspot.com.br/2011_09_01_archive.html. Acesso feito em 04 de setembro de 2014.

¹¹ Entrevista com Francisca Rocicleide Pinheiro, realizada em Milhã/CE em 04 de janeiro de 2014, Sócia fundadora, coordenadora da Creche Comunitária e da Casa do Idoso. Arquivo de Antônia Natália de Lima.

seus colegas de CEB's, foi somente com o apoio destes que dirigiam o Dia do Senhor, quando ele morava fora da comunidade, que o trabalho de associativismo foi possível. Foi com a força da comunidade, das famílias da região que apoiaram o trabalho inicial, que a fundação realmente se efetivou. A Associação foi fundada no ano de 1971 e regularizada em 1973, e foram justamente no seio religioso que se concretizaram os primeiros projetos do CSMG com a construção da Capela de São Francisco no ano de 1985, que teve apoio financeiro da Cárita Diocesana, onde Faustino Pinheiro havia trabalhado, e da Diocese de Iguatu. Os encontros da CEB's, o Dia do Senhor, a catequese e as reuniões da Associação passaram a ser na Igreja, até esse momento, ambas aconteciam nas residências dos moradores locais. Com a construção da Igreja passaram a ter um lugar fixo, para os encontros.

2. As mudanças no cenário propiciadas pelas ações dos sócios do CSMG.

A construção da Igreja foi somente o primeiro passo, a ação do CSMG focalizou nas carências mais notáveis da região. As narrativas apontam a situação da saúde da região como a mais problemática: “(...) a dificuldade maior entre todas e muitas que tinha na época, digamos em 71 [...], o problema mais grave na região era a saúde”¹²; “Na época a pobreza era muito grande. A falta de assistência, inclusive na saúde, não tinha nada, morreram parturientes [...] por falta de assistência”. Dessa feita, a construção de um Posto de Saúde foi à primeira ação do CSMG financiado pelas Cáritas Diocesanas e com apoio da comunidade. Já no final da década de 1980 o Posto foi reformulado com financiamentos do Governo Estadual. A partir da conquista do hospital a Associação conseguiu formar um mosaico de atividades, hora com o apoio de ONG's estrangeiras, como *Manos Unidas*¹³, *Misereor*¹⁴ e outras, hora com o apoio de secretarias do governo estadual, como a secretaria de planejamento, secretaria de ação social. A casa do idoso, a fábrica de processamento da castanha, a creche comunitária, a escola de artesanato mineral, a rádio, a horta comunitária, o centro recreativo, o centro de formação de líderes dentre outros projetos compunham o campo de atuação da Associação. A seguir podemos visualizar uma ilustração de algumas dessas atividades. Essas fotografias foram produzidas pela própria direção do CSMG, em geral para compor relatórios enviados para as instituições que apoiavam os projetos. Vemos a possibilidade de entendimento da realidade por meio da imagem a partir da perspectiva de BURKE (2004), quando ele diz que as imagens oferecem acesso a aspectos do passado que outras fontes não alcançam (p.21) As imagens estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e o do

¹² *Idem.*

¹³ MANOS UNIDAS é uma Associação da Igreja Católica na Espanha para a ajuda, promoção e desenvolvimento do Terceiro Mundo. Trata-se, por sua vez, uma organização de desenvolvimento não governamental (ONG), católica e secular. Cf. <http://www.manosunidas.org/organizacion> (Acessado em 29/07/2014).

¹⁴ MISEREOR é uma Obra episcopal da Igreja Católica da Alemanha para a cooperação ao desenvolvimento, foi fundada em 1958. A MISEREOR aposta na iniciativa própria dos pobres e desprivilegiados, os apoia nas suas iniciativas segundo o princípio de “ajuda para a auto-ajuda”. Localmente, os projetos são sustentados por organizações locais. Cf. <http://www.misereor.org/pt/about-us.html> (Acessado em 29/07/2014).

produtor, tendo como referente à realidade.

Figura 01: Mosaico de atividades desenvolvidas pelo CSMG.



Ambulância da Comunidade.

Creche Comunitária.

Casa do idoso.

Casa da lapidação.

Rádio Comunitária.

Centro de treinamento.

Fonte: Página do Álbum de fotografias do CSMG. Sob Guarda da Senhora Rocicleide Pinheiro, sócia fundadora do CSMG, coordenadora da Creche Comunitária e da Casa do Idoso - Dona Dindinha.

Essas ações envolveram toda a comunidade que passou a vislumbrar uma mudança significativa nas condições de vida. Ao longo de duas décadas o cenário da região de Monte Grave foi ganhando novos contornos, fruto da atuação não de um, mas de toda a comunidade. Em torno dessa vida comunitária a formação de mutirão para construir determinados prédios foi uma constante na história da Associação. Em sua narrativa Osvaldo de Lima fez questão de mencionar a participação da população, “aqui funcionou vários projetos pelo projeto São José e aí tinha a contrapartida da Associação. A contrapartida da comunidade era fazer os trabalhos voluntários. Era cavar alicerce de prédio, era trabalhar de serventia, era essas coisas aí”¹⁵. Além de modificar a realidade local, o CSMG era visto também como um espaço profissional, muitos jovens da região e até de outras localidades conseguiram o seu primeiro emprego na Associação. As narrativas de Gerdileuza Pinheiro, Valmir Isidoro e Cícero Neto são importantes para embasar essa percepção, cada um deles destaca como passaram a integrar o quadro de funcionário seja no Hospital, no Centro Administrativo ou no Apoio técnico ao homem do campo,

Gerdileuza Pinheiro: Eu sou do Monte Grave mesmo, meus pais sempre moraram no Monte Grave, fiz Pedagogia, nunca tinha me passado pela minha cabeça de fazer Enfermagem. [...] Então assim que eu terminei o curso de

¹⁵ Entrevista com Francisco Osvaldo de Lima, realizada em Milhã/CE em 10 de março de 2013, Sócio e Componente do Conselho de Segurança do CSMG. Arquivo de Antônia Natália de Lima.

pedagogia não me interessei na área, não consegui trabalho, então já teve o curso de Auxiliar de Enfermagem aqui e eu já comecei a fazer e, antes de terminar já tive convite para trabalhar lá no Monte Grave ¹⁶.

Valmir Isidoro: No ano de 1992 fui convidado a trabalhar na Associação Centro Social de Monte Grave. [...] Quando eu ainda morava em Fortaleza, uma das pessoas que muito me ajudou, eu diria financeiramente e também moralmente, foi então o Presidente da Associação Centro Social de Monte Grave, o saudoso Chico Faustino. Ele me convidou no ano de 1992, e eu vim no mês de junho 1992, eu comecei a trabalhar no mês de junho de 1992 e permaneci até 2002 ¹⁷.

Cícero Neto: Logo que eu saí do Colégio Agrícola, quando eu terminei o curso de Técnico agrícola, terminei em oitenta e cinco, em oitenta e seis eu já comecei a trabalhar lá no Centro Social de Monte Grave. [...] O Presidente do Centro Social na época Francisco Faustino, ele me convidou antes mesmo que eu terminasse o curso ele já havia conversado comigo me fazendo um convite assim informalmente¹⁸.

O CSMG se tornou um polo agregador e um espaço de oportunidades de trabalho, para além da lavoura. Ademais possibilitou a criação de laços de solidariedade estratégias de sobrevivência, bem como o estreitamento dos vínculos comunitários. Mas muitas divergências no plano político, no modelo de gestão adotado, dentre outras dificuldades frearam o desempenho da Associação. As atividades mencionadas foram perdendo o vigor no final dos anos 1990. Esse declínio implicou um desmembramento do grupo e desencadeou uma comoção na comunidade. Cada sujeito tem uma percepção particular sobre a decadência das atividades e também sobre o que isso significou.

3. Os dissabores do declínio: a repercussão da desativação dos projetos do CSMG.

Alguns fatores contribuíram para que as atividades fossem desativadas, dentre elas a nova conjuntura propiciada pela Constituição de 1988. As leis aprovadas na nova constituição tinham um prazo específico para entrarem em vigor. Tomemos como exemplo a municipalização dos serviços de saúde. Tendo como pano de fundo a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) os municípios deveriam formular suas próprias políticas de ação. O Governo Central definia o apoio técnico e financeiro e o governo municipal deveria cumprir as competências do SUS, mas teria um tempo hábil para isso. Segundo Arretche (2002),

A descentralização e a universalização da política federal de saúde e a conseqüente (*sic*) construção do SUS (Sistema Único de Saúde) passaram a serem normas constitucionais com a Constituição de 1988. Embora o princípio do direito universal de acesso aos serviços públicos de saúde passasse a ter validade imediatamente após a promulgação da Constituição, a municipalização dos

¹⁶ Entrevista com Gerdileuza Pinheiro, realizada em Milhã/CE em 19 de setembro de 2013, ex-auxiliar de enfermagem do Hospital do CSMG. Arquivo de Antônia Natália de Lima.

¹⁷ Entrevista com Valmir Isidoro da Cunha, realizada em Milhã/CE em 18 de setembro de 2013, ex-diretor do Hospital e financeiro do CSMG. Arquivo de Antônia Natália de Lima.

¹⁸ Entrevista com Cícero Pinheiro Neto, realizada em Milhã/CE em 12 de fevereiro de 2014, gerente da Cooperativa do CSMG. Arquivo de Antônia Natália de Lima.

serviços implicava um processo de reestruturação da estrutura nacional de organização dos serviços, cuja principal consequência (*sic*) seria a transferência de atividades até então desempenhadas pelo nível federal para os municípios. O novo modelo estaria assentado na separação entre financiamento e provisão dos serviços, ficando o financiamento a cargo das três esferas de governo e a provisão dos serviços a cargo dos municípios (p.41).

Isso repercutiu muito negativamente para o CSMG, pois, se antes os repasses seja do Governo Federal ou Estadual vinham direto para a Associação agora tinham de ser aprovados pela gestão municipal. “A democratização – particularmente a retomada de eleições diretas para todos os níveis de governo – e a descentralização fiscal da Constituição de 1988 alteraram profundamente as bases de autoridade dos governos locais (ARRETCHE, 2002, p.25)”. Aqui é preciso lembrar que Faustino Pinheiro tinha divergências acirradas com o então Prefeito de Milhã, Gecimar Pinheiro. Por conta dos desacordos os repasses não eram feitos e as atividades que necessitavam desses recursos, como era o caso do Hospital, não puderam continuar funcionando. Não foram somente as dissensões no campo político que desencadearam o retrocesso. Sobre isso Valmir Isidoro avalia que,

Eu só quero deixar claro, como eu disse anteriormente, que a questão política ela teve um embate muito grande nesse período. [...] **Nós temos que analisar uma gama de fatores que também são, foram, aliás, imposições e mudanças com a chegada da nova constituição que foi promulgada em 88**, e que determinava que no prazo de dez anos os municípios obrigatoriamente teriam que se municipalizar. Então foi o prazo máximo dado pra que os municípios pudessem ter a sua municipalidade. E com isso, é, mudou os critérios. E essas mudanças elas trazem coisas diferentes. Então quando chegam as mudanças, quando você não está preparado para ela, quando você não está informada, quando você não está ciente de como ela vem aí é um choque e esse choque provoca destruição e **essa destruição ela pode ter sido obviamente uma a intransigência, acho eu, de administradores**. Mas eu não vou direcionar apenas a um fator político, ou seja, como se parecesse ser um capricho. Eu acho que não. Eu acho que teve todo um processo de mudança a nível de Brasil e que conseqüentemente chegou até a comunidade e como eu já disse antes, **nós não estávamos preparados pra a auto sustentabilidade** (grifos nossos) ¹⁹.

Na narrativa ele leva em conta pelo menos três fatores importantes para o referido problema financeiro do CSMG. Os trechos que demos destaque apresentam esses diferentes fatores, quais sejam, a inserção da nova Constituição, a “intransigência de administradores”, e falha na gestão. Essas visões são bastante subjetivas, na verdade cada interlocutor vê de uma forma e atribui a culpa com maior ou menor intensidade para os fatores destacados por Valmir Isidoro. De maneira geral essas são as razões que mais aparecem nas narrativas.

¹⁹ Entrevista com Valmir Isidoro da Cunha, realizada em Milhã/CE em 18 de setembro de 2013, ex-diretor do Hospital e financeiro do CSMG. Arquivo de Antônia Natália de Lima.

Apesar de divergirem na percepção dos motivos que propiciaram a desativação das atividades, esses sujeitos compartilham de um mesmo sentimento. O desapontamento, a tristeza e outras tantas emoções atravessaram o rebobinar do tempo desses sujeitos.

Cícero Neto: Na verdade [...] todas as pessoas que apostaram naquilo ali se sentiram assim frustrados, decepcionados porque não era esse o fim que nós imaginávamos pro Monte Grave, não era esse ou pelo menos não era o Monte Grave que se queria ver em 2014.²⁰

Valmir Isidoro: Olha, você [...] sonha com um projeto, você idealiza um projeto e o melhor de tudo isso é que você constrói o projeto e depois ver o projeto praticamente acabado, então isso é muito cruel. Psicologicamente eu diria que isso afeta as pessoas que estiveram à frente da Associação e pra comunidade foi assim uma perda irreparável né.²¹

Fernando Nogueira: [...] Dá um sentimento de tristeza e de revolta ao mesmo tempo, porque era um projeto que poderia ter ido muito longe e que hoje esse projeto poderia tá beneficiando ainda muitas e muitas famílias aqui da região.²²

Essas narrativas permite-nos entender que o declínio dos projetos torna-se uma questão sensível, na medida em que interfere nas relações sociais, nas escolhas individuais e nas decisões comunitárias. É preciso levar em conta que nas narrativas os sentimentos ressurgem modificados, brotam com mais ou menos intensidade, a variar de acordo com o sentido que o fato passado representa no presente. Assim concordamos com Alessandro Portelli (1997:1) quando ele salienta que:

A memória acompanha a mudança, contudo, também resiste às mudanças que optamos por não fazer. O que nos remete novamente a História oral como uma arte não só daquilo que aconteceu, como também, daquilo que deixou de acontecer, aquilo que poderia ter acontecido (p. 33).

Posto isso, não nos interessa se os fatos e as consequências apontadas por esses sujeitos são verdadeiras ou não, o que importa é que de alguma maneira, a história da do CSMG se mistura as trajetórias desses sujeitos, e por isso ela é carregada de sentido. À medida que eles iam falando sobre as suas experiências, eles expressavam suas emoções na tonalidade da voz, no jeito nostálgico de se lembrar de alguns fatos, na euforia de contar uma conquista, na simplicidade de falar das amizades construídas, na melancolia de olhar tudo parado no tempo. As palavras são, pois, uma linguagem pelas quais se expressam os sentidos e as emoções desencadeados pelos fatos sociais e políticos (PESAVENTO, 2008). As significações dadas aos fatos passados até podem variar no

²⁰ Entrevista com Cícero Pinheiro Neto, realizada em Milhã/CE em 12 de fevereiro de 2014, gerente da Cooperativa do CSMG. Arquivo de Antônia Natália de Lima.

²¹ Entrevista com Valmir Isidoro da Cunha, realizada em Milhã/CE em 18 de setembro de 2013, ex-diretor do Hospital e financeiro do CSMG. Arquivo de Antônia Natália de Lima.

²² Entrevista com Luiz Fernando Nogueira, realizada em Milhã/CE em 06 de janeiro de 2014, ex-sócio, artesão, e radialista do CSMG Arquivo de Antônia Natália de Lima.

tempo, mas algumas permanecem ali guardadas na memória.

As nossas impressões a partir das narrativas dos interlocutores da pesquisa é que as experiências enfocadas são essencialmente interpretações de vivências subjetivas e ao mesmo tempo com traços de lutas comuns, coletiva, que suscitam não uma história dos fatos, mas uma história do que estes fatos e ações significam para aqueles que o viveram e para quem com o olhar contemporâneo fala de coisas passadas.

Considerações finais

Ao entrar em diálogo com os entrevistados, percebemos que dentro e fora do trabalho, à vida estava ligada à Associação, é o que aponta os depoimentos. A partir dos relatos, observamos que após a fundação da associação CSMG, havia entre os trabalhadores uma tessitura de conflitos e solidariedades permeando suas trajetórias de vida: o modo como conseguiram o emprego; a mudança de cargo, a mudança nos costumes, à permanência de hábitos; a busca por recursos para a manutenção das atividades e para novos projetos, enfim, a suas vidas estavam ligadas a uma rede de pensamento e vivências que girava em torno da Associação.

As narrativas dos interlocutores foram conduzidas a partir de suas experiências frente aos projetos desenvolvidos pelo Centro Social de Monte Grave. Ao falar em projetos que se tornaram sucesso, e foram bem executados, sentimos que o tom das palavras saía envolto de sentimentos de satisfação, de glorificação, como quem diz: *a gente conseguiu vencer as adversidades sociais*. Saltava as palavras um sentimento de pertencimento há um grupo (associação) bem-sucedido na realização de suas atividades. Para Halbwachs (2004), esse sentimento de pertencimento não é apenas físico, mas principalmente afetivo. No entanto, quando se tratava de projetos que não deram certo, o sentimento raramente parecia ser o de culpa, mas de raiva e até mesmo de rancor atribuído a pessoas (tais como políticos locais e outros) que inviabilizavam as atividades da Associação. Essa gama de sentimentos pode ser percebida na maneira como as palavras são verbalizadas, no tom de voz, nas expressões faciais e até mesmo nas próprias falas. Ao estabelecer esse diálogo com esses sujeitos, percebemos que as emoções escapadas em meios às palavras sufocavam muito mais que um projeto individual, mas, sobretudo, se constituíam em uma tradução de um sentimento comunitário. “As narrativas embora sejam pessoais, se fazem na experiência social, são constitutivas dela e são reconhecidas como tal segundo padrões de significação” (KHOURY, 2001, pág. 123). Mesmo que o indivíduo verse sobre suas particularidades é possível à dedução das principais características de um grupo. As entrevistas mostram o que é estrutural e próprio de um grupo sem esgotar as possibilidades sociais, revelam ainda às sensações próprias de cada evento partilhado no social.

Acreditamos que é enriquecedor discutir essas experiências, para conhecermos práticas e lutas de homens e mulheres comuns, que construíram seus lugares, estabeleceram maneiras de viver, morar e trabalhar, relacionando a realidade das lutas sociais por direito ao acesso a saúde, educação e melhores condições de vida. É partir dessas experiências que revelamos, através da fala de outrem, de registros históricos, de um passado preso na fotografia amarelada traços de uma comunidade que se fez notar a partir de uma experiência social inovadora e conflitante.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- _____. Fontes Oraís: Histórias dentro da História. IN: PINSKY, C. B. (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- ARRETCHE, Marta. Relações federativas nas políticas sociais. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n.80, p. 25-48, 2002.
- BETTO, Frei. O que é Comunidade Eclesial de Base. São Paulo: Abril, 1985. p. 07.
- BEZERRA, Viviane Prado. “Porque se nós não agir o pudé não sabe se nós isiste nu mundo”: O MEB e o Dia do Senhor em Sobral (1960 – 1980). Dissertação (Mestrado em História Social Centro de Humanidades) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- BURKE, Peter. *O Testemunho ocular*. História e imagem. Bauru: Edusc, 2004
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *A oralidade dos velhos na polifonia urbana*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.
- KARNAL, Leandro e TATSCH, Flávia Galli. Documento e História: a memória evanescente. IN: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina (orgs). *O Historiador e suas fontes*. 1. Ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012.
- KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. In: *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP)*. São Paulo: EDUC. História e Oralidade, n.22, jun. 2001.
- KOFES, Suely. Experiências Sociais, Interpretações Individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. *Cadernos Pagu*.Vol.3, 1994, pp.117-141.
- NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC – SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) São Paulo, SP – Brasil*, 1981.
- PADRÓS, Enrique Serra. Usos da memória e do esquecimento na História. *Literatura e Autoritarismo: o esquecimento da violência*. UFSM. Santa Maria - RS. Revista nº 4, 2002.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2º ed. – Belo Horizonte: autêntica, 2008.

_____. Ressentimento e ufanismo: sensibilidades do Sul profundo. In Stella Bresciani; Marcia Naxara (orgs.), *Memória (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. 2ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº3,1989, pp. 3-15.

_____. Memória e identidade social. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro. Vol. 5. N. 10, 1992. p. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. A história oral e poder. IN: *Mnemosine*.Vol.6, nº 2, p. 2-13, 2010.

_____. Depoimentos. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC – SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)* São Paulo, SP – Brasil, abr. 1997.

_____. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC – SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)* São Paulo, SP – Brasil, abr. 1997:1.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. Pág. 25-70.

SALES, Telma Bessa. Memórias e Experiências de canudenses na cidade de São Paulo - 1950-2000. 2006. 216 f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2006.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memórias em terras de História: problemáticas atuais. IN: BRESCIANI, Maria Stella e NAXARA, Márcia (organizadoras). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.